

## **Apontamentos para um estudo do “sistema de bens simbólicos” da Ação Integralista Brasileira (1935-1937)**

Alexandre Pinheiro Ramos\*

**Resumo:** O objetivo deste trabalho é propor alguns apontamentos para uma análise pormenorizada de um dos principais meios de divulgação e propagação das idéias e princípios defendidos pela Ação Integralista Brasileira no período compreendido entre os anos de 1935 e 1937. Pretendemos refletir sobre o sistema de bens simbólicos do movimento integralista, entendendo-o como a reunião de bens culturais (como livros e revistas) cuja circulação pela sociedade brasileira procura obedecer suas diferenciações internas, estabelecendo um determinado produto cultural para um grupo social específico. Visando explicitar a forma como se estrutura tal sistema de bens simbólicos utilizaremos como exemplo duas revistas ligadas à AIB que representam de maneira eficaz a distinção estabelecida entre o público alvo do Integralismo assim como suas estratégias para a melhor difusão de suas idéias.

**Palavras-chave:** Integralismo – Intelectuais – Pensamento Social Brasileiro

**Abstract:** The aim of this paper is to propose some ways for the analysis of one of the most important means created by the Brazilian Integralistic Action (Ação Integralista Brasileira) to spread its main ideas and principles between 1935 and 1937. Thus, we want to study the symbolic goods system implemented by the integralista movement, taking it as a group of cultural goods (like books and magazines) whose circulation within the Brazilian society obeys its internal differences, where a given cultural product focus an specific social group. To show how this symbolic goods system is structured, we will use two magazines that represent the distinction of the Integralismo's audience, pointing to the strategies for its ideas diffusion.

**Key-words:** Integralismo – Intellectuals – Brazilian Social Thought

### **1. Introdução**

O número de estudos sobre a Ação Integralista Brasileira tem aumentado com o passar dos anos. Se nas primeiras análises as questões relativas ao pensamento integralista encontravam-se mais ou menos como centro das preocupações, mais recentemente o foco passou para, sobretudo, a atuação localizada do movimento, ou seja, como este agiu e se organizou nas diversas partes do país onde esteve presente. Neste sentido, a reflexão que aqui proponho, sendo ela parte relevante da tese de doutorado que desenvolvo, é um retorno àquelas análises, mas um retorno que busca aspectos (e fontes) até então pouco trabalhados quando das reflexões concernentes ao pensamento integralista. Assim, pretendo explorar as

---

\* Doutorando em Sociologia pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia da UFRJ. Mestre em História pela UERJ. Pesquisador do GrPesq (UFF /CNPq) *Idéias, Intelectuais e Instituições*. Bolsista CAPES.

manifestações deste na forma como foi veiculado não só em livros<sup>1</sup> como em revistas e jornais ligados diretamente ao Integralismo, acentuando suas diferenciações externas e correspondências com a organização do próprio movimento. O texto que se segue é apenas uma pequena amostra de alguns pressupostos sobre os quais venho trabalhando e pretendo desenvolver. Notarão os leitores o uso, em momentos cruciais, da obra de Pierre Bourdieu, e desde já procuro deixar bem claro que não compartilho de algumas das premissas deste autor – infelizmente, pela limitação de espaço não tenho como apresentar minhas críticas – valendo-me, assim, das “direções” que aponta, bem como o encaminhamento de determinadas questões.

## 2. Os intelectuais

É sabido que a atuação dos intelectuais na sociedade, seja em conjunto ou como um agente considerado individualmente, é essencial para compreensão das mudanças que se operam no seio daquela, pois geralmente ocupam-se dos diagnósticos e planos de ação que visam tanto as transformações sociais como a manutenção do *status quo*. Além disto, sua participação na construção das identidades, “a partir de seleções, as quais se articulam a interesses de determinados grupos sociais” (DOMINGUES, 2003: 18), e das representações da sociedade, com base em elementos constitutivos de seu saber e adquiridos por meio do convívio com outros grupos e indivíduos, é decisiva para que as mesmas possam circular e voltar ao mundo social para aí serem apropriadas, operando de forma semelhante à idéia de “dupla hermenêutica” trabalhada por Anthony Giddens (GIDDENS, 2003: XXXVII). Ora, qualquer que seja o *pathos* do intelectual, ele possui indiscutível dimensão moral em vista de seu “envolvimento nas experiências políticas e sociais do seu tempo” (BASTOS; RÊGO, 1999: 10), exercendo, assim, importante papel na sociedade moderna como peça chave no espaço público e em seus debates. Seguindo estes termos, talvez não soe impróprio operar uma analogia entre estas características dos intelectuais e as palavras de Friedrich Nietzsche acerca dos *filósofos* (ou *pensadores*):

*Somos nós, pensadores, que temos de primeiro constatar e, se necessários, decretar o gosto agradável de todas as coisas. As pessoas práticas acabam por adotá-los de nós, a sua dependência em relação a nós é incrivelmente grande* (NIETZSCHE, 2004 [1888]: 253).

---

<sup>1</sup> Em minha dissertação de mestrado (RAMOS, 2008) procurei analisar de maneira pormenorizada (lançando mão de uma abordagem comparativa) o pensamento integralista de Plínio Salgado e Miguel Reale, tendo como base os livros escritos por ambos no período de 1932 a 1937.

É correta, assim, a percepção que o filósofo alemão possui acerca da ligação existente entre aqueles indivíduos ocupados com o saber, o conhecimento e a reflexão e a sociedade a qual recebe, utiliza e dissemina os produtos culturais advindos daqueles primeiros, daí a grande relevância em se procurar estudar e compreender tais elementos, o que nos leva, por conseguinte, ao tema central de nossa pesquisa.

Karl Mannheim, em seu clássico estudo sobre a *intelligentsia*, declara que “os intelectuais que produzem idéias e ideologias constituem o mais importante dos elos entre dinâmica social e ideação” (MANNHEIM, 1974: 96), sublinhando-se aí, mais uma vez, a relevância que estes agentes sociais possuem, com destaque, principalmente, para aqueles que poderíamos considerar como intimamente vinculados ao campo político (além, claro, do intelectual). É, então, nesta situação onde encontraremos os intelectuais da Ação Integralista Brasileira, movimento político-cultural fundado em 1932 pelo escritor paulista Plínio Salgado por meio do chamado *Manifesto de Outubro*. Apesar de sua breve existência – pouco mais de cinco anos até sua extinção legal em 1937 com o advento do Estado Novo – o Integralismo conheceu uma popularidade e alcance até então desconhecidos no Brasil no tocante a movimentos políticos organizados, sendo, por isto, considerado o primeiro partido de massas brasileiro (TRINDADE, 1974: 9), tendo finalmente rompido com os limites regionais que caracterizavam os partidos políticos no Brasil, como o Partido Republicano Paulista (PRP) ou o Partido Republicano Mineiro (PRM). Além de seu grande apelo popular, o Integralismo atraiu uma série de intelectuais já conhecidos nos meios culturais do Brasil, e outros que nele começaram a desenvolver suas atividades (podemos citar, como exemplo de ambos os casos, Plínio Salgado, Miguel Reale, Olbiano de Melo, Gustavo Barroso, Hélio Vianna, Luís Câmara Cascudo, dentre outros<sup>2</sup>), e seguindo uma “tendência” visível na intelectualidade brasileira, sobretudo na década de 1920 e que prosseguiu na seguinte, anos estes marcados pela “busca da *individualidade nacional* em uma série de *manifestações e acontecimentos*” (VILLAS BÔAS, 2006: 62), estes intelectuais integralistas, vendo a si mesmos como agentes políticos, capazes de produzir um projeto de transformação política, cultural e social para o Brasil, declararam “a sua vocação para elite dirigente”, pois “a arte de governar relaciona-se com o saber científico” (PÉCAUT, 1990: 22 e 30)<sup>3</sup>.

---

<sup>2</sup> Embora referindo-se à uma outra problemática, Sérgio Miceli arrola uma série de outros nomes, o que demonstra a variabilidade de intelectuais ligados ao Integralismo. Cf. MICELI, Sérgio. *Intelectuais à Brasileira*. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2001. p. 276n.

<sup>3</sup> PÉCAUT, Daniel. *Intelectuais e a política no Brasil: entre o povo e a nação*. São Paulo: Ática, 1990. pp. 22 e 30. Estas passagens referem-se aquilo que o autor denomina de Geração de 1920-40, ou seja, a uma série de intelectuais, estando os integralistas aí inclusos.

### 3. Intelectuais integralistas

Diante da forma como se organizaram, contando com a participação (maior ou menor) de intelectuais já conhecidos nacionalmente ou que aos poucos ganhavam reconhecimento através de suas obras, acreditamos que este grupo consubstanciou-se na elite do Integralismo, em outras palavras, constituiu uma *intelligentsia integralista* cuja atuação através de um sistema de bens simbólicos (no qual contava com grande participação) dava-se simultaneamente no/para o campo intelectual e o campo político. Seguindo por este caminho, fica visível a importância de se analisar a dinâmica desta *intelligentsia*, isto é, como se organizava, quais suas estratégias de atuação na busca por atingirem o governo do Brasil por meio da AIB, as quais incluíam não só meios de serem reconhecidos como o grupo social mais apto para assumir o poder e provocarem as transformações pelas quais o país precisava passar a fim de definir-se não apenas como uma *nação*, mas como uma *nação moderna*, como também incluíam formas de se *auto-reconhecerem* desta mesma maneira. Acreditamos que, sendo formada esta *intelligentsia integralista*, ela operou como um sistema social em si mesmo, “com fronteiras e identidades móveis, mais ou menos flexíveis, e teias de interação” (DOMINGUES, op. cit: 19) onde uma série de publicações (livros, jornais e revistas) voltada para os mais variados públicos marca sua área de atuação *par excellence*; e uma análise que vise sua compreensão deve abarcar duas dimensões básicas: a dinâmica interna deste grupo (organização, relações entre seus agentes, sobretudo no nível intelectual) e sua atuação junto da sociedade (como suas idéias são apresentadas e circulam pelos campos político e intelectual na tentativa de inculcar nos outros grupos sociais os princípios integralistas). Vamos explicitar um pouco estas abordagens com vistas a melhor expor a questão a qual guiará a nossa pesquisa.

Embora atuando tanto no campo político – produzindo produtos políticos, programas, comentários, análises (BOURDIEU, 2007a: 164) – quanto no intelectual, é, evidentemente, neste que os intelectuais integralistas agiram com uma maior desenvoltura, pelo conhecimento prévio de sua dinâmica, suas regras e seus códigos, e concentraram seus esforços, ainda que visando seu sucesso também no campo político. Desta maneira, o Integralismo contou com uma série de publicações – livros, jornais e revistas, valendo-se da profunda transformação que a área cultural sofrera, no início do século XX, com as novas técnicas de impressão e edição, o surgimento das revistas ilustradas, etc (SEVCENKO, 1983: 94) – dirigidas não só aos integralistas como ao público brasileiro em geral, quase uma espécie de “sistema de produção de bens simbólicos *menor*” (integralista) no interior de um sistema maior (o

brasileiro), onde seu desenvolvimento era paralelo “a um processo de diferenciação cujo princípio reside na diversidade dos públicos aos quais as diferentes categorias de produtores destinam seus produtos” (BOURDIEU, 2007b: 102), pois tanto os livros quanto as principais revistas do movimento eram diferenciados: dirigiam-se às camadas mais cultas (campo de produção erudita) ou populares (não produtores de bens culturais), ou ainda eram encaminhadas a um público ainda mais específico, como o feminino. Há uma hierarquização dos produtos culturais engendrados neste sistema, onde os produtores, os intelectuais integralistas, encontram-se organizados também de maneira hierárquica, geralmente de acordo com sua própria posição no interior da Ação Integralista Brasileira. Devemos, assim, investigar a configuração deste “sistema”, com seus livros e revistas, o que nos leva a própria dinâmica dos intelectuais em seu interior.

Os principais intelectuais do movimento, como Plínio Salgado, Miguel Reale, Gustavo Barroso e Olbiano de Melo, que ocupavam posições de destaque na AIB, foram responsáveis pela grande maioria dos livros referentes ao Integralismo (mais voltados para uma atuação no campo político *por meio* do intelectual) – um exemplo interessante é que, na *Bibliografia Integralista*<sup>4</sup> de 1935, dos 30 (100%) livros arrolados, 23 (aproximadamente 74%) eram destes quatro intelectuais; o restante era de autores diversos – mostrando que a publicação em forma de livro, certamente a principal (não pela sua facilidade de alcance, mas pelo seu *status* simbólico), estava mais restrita aos intelectuais da cúpula do Integralismo – contudo, não podemos esquecer, aí, do papel desempenhado pelas editoras, bem como de seus interesses. É principalmente nos livros que os diferentes *integralismos* destes autores<sup>5</sup> afloram, criando, assim, discordâncias entre estes, no entanto, tais atritos estão incorporados na estrutura do próprio grupo, dele fazendo parte (SIMMEL, 1983: 124 e 126). Além disto, estes mesmos intelectuais, sobretudo Salgado e Reale, também “diversificaram” suas obras, pois há pelo menos dois livros (um de cada autor) explicitamente dirigidos aos setores mais populares da sociedade.

No tocante às revistas, estes autores também deram suas contribuições, mas em menor escala, e geralmente surgiam na revista *Panorama* (cujo editorial do primeiro número dizia ser ela voltada para as “classes intelectuais”). Esta mesma revista contava com a participação de vários autores (como Luis Câmara Cascudo), tratando dos mais variados temas, e incluía

---

<sup>4</sup> Livros que eram indicados para leitura através de alguns jornais e revistas integralistas. Cf. CAVALARI, 1999: 114.

<sup>5</sup> Para uma melhor compreensão de alguns destes *integralismos*, bem como a extensão de suas distinções, Cf. RAMOS, Alexandre Pinheiro. **O Integralismo entre a família e o Estado: uma análise dos integralismos de Plínio Salgado e Miguel Reale (1932-1937)**. Rio de Janeiro: UERJ, 2008. 270p. [Dissertação de Mestrado].

até mesmo artigos de intelectuais não ligados ao movimento, como Oliveira Vianna<sup>6</sup>. Enquanto isto, a *Anauê*, revista ilustrada do Integralismo, era dirigida a um público mais amplo (não-produtor) e, embora contasse com a participação daqueles grandes intelectuais, nela concentravam-se textos dos líderes integralistas locais<sup>7</sup>, bem como de mulheres, havendo, inclusive, como uma das estratégias do Integralismo, seções dedicadas exclusivamente aos elementos do sexo feminino. E ainda no tocante às estratégias, as revistas apresentavam também seções dedicadas a grandes intelectuais brasileiros (como Alberto Torres, Graça Aranha, Jackson de Figueiredo) – Plínio Salgado, em livro, chegou a declarar que se Alberto Torres fosse vivo, seria integralista. Tal estratégia, acreditamos, não só procurava obter o reconhecimento, no espaço público, das outras pessoas (ARENDR, 2008: 59-68), como também um auto-reconhecimento, porque acabava-se por “vincular” aqueles autores ao Integralismo, pois sendo eles vistos como “pensadores da nacionalidade”, os integralistas, por sua vez apresentavam-se como continuadores de uma tradição por eles inaugurada. Depreende-se, desta prática, que o destaque à figura do intelectual pelos teóricos integralistas aproxima-se em vários aspectos da asserção de Mannheim: “Todos os grupos que buscam uma orientação social começam por uma interpretação da sociedade que os enfatiza” (MANNHEIM, 1974: 78).

#### **4. Considerações finais**

Notamos, aqui, que os intelectuais integralistas mantinham não só uma dinâmica interna, referente a sua organização e a produção de idéias – onde se deve aludir ao fato de que, possuindo cada qual um interesse maior em determinada área do conhecimento, ou em vista das influências recebidas pelos grupos sociais com os quais mantinha contato, “ocupavam-se” com segmentos diferentes do “domínio intelectual sobre os problemas da vida”(Idem, 1972: 56-57) – como também externa, pois transitavam ora no campo erudito (de produtores), ora no da indústria cultural (dos não-produtores). E isto ao mesmo tempo em que, por meio das várias estratégias adotadas, procuravam reconhecer-se como os elementos mais indicados ao governo do Brasil, como os agentes da transformação necessária, mas também almejavam o reconhecimento, como tal, dos outros grupos sociais – e conseqüentemente, a legitimidade de suas pretensões.

---

<sup>6</sup> “Havia no pensamento de Plínio Salgado alguns aspectos de que certamente não gostava: o totalitarismo, o apelo à mobilização política, o culto à liderança carismática”. Cf. CARVALHO, 1993: 33.

<sup>7</sup> Dos núcleos integralistas locais ou regionais.

## Referências Bibliográficas

- ARENDDT, Hannah. **A Condição Humana**. Tradução de Roberto Raposo. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008. 10ª Edição.
- BASTOS, Elide Rugai; RÊGO, Walquiria D. Leão (orgs.). **Intelectuais e política: a moralidade do compromisso**. São Paulo: Editora Olho d'água, 1999.
- BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. Tradução de Sergio Miceli. São Paulo: Perspectiva, 2007b. 6ª Edição.
- BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Tradução de Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007a. 10ª edição.
- CARVALHO, José Murilo. “A Utopia de Oliveira Vianna”. In: BASTOS, Elide Rugai; MORAES, João. (orgs.). **O pensamento de Oliveira Vianna**. Campinas: UNICAMP, 1993.
- CAVALARI, Rosa Maria Feiteiro. **Integralismo – ideologia e organização de um partido de massa no Brasil (1932-1937)**. São Paulo: EDUSC, 1999.
- DOMINGUES, José Maurício. **Do ocidente à modernidade: intelectuais e mudança social**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- GIDDENS, Anthony. **A Constituição da Sociedade**. Tradução de Álvaro Cabral. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- MANNHEIM, Karl. **Ideologia e Utopia**. Tradução de Sérgio Magalhães Santeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1972.
- MANNHEIM, Karl. **Sociologia da Cultura**. Tradução de Roberto Gambini. São Paulo: Perspectiva/Edusp, 1974.
- MICELI, Sérgio. **Intelectuais à Brasileira**. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2001.
- NIETZSCHE, Friedrich. **Aurora**. Tradução de Paulo César de Souza. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2004.
- PÉCAUT, Daniel. **Intelectuais e a política no Brasil: entre o povo e a nação**. São Paulo: Ática, 1990.
- RAMOS, Alexandre Pinheiro. **O Integralismo entre a família e o Estado: uma análise dos integralismos de Plínio Salgado e Miguel Reale (1932-1937)**. Rio de Janeiro: UERJ, 2008. 270p. [Dissertação de Mestrado].
- SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão**. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- SIMMEL, Georg. “A natureza sociológica do conflito”. In: MORAES FILHO, Evaristo (org). **Simmel: sociologia**. São Paulo: Ática, 1983.
- TRINDADE, Héglio. **Integralismo: o fascismo brasileiro na década de 30**. Rio de Janeiro: DIFEL / Difusão Editorial, 1974.
- VILLAS BÔAS, Gláucia. **Mudança Provocada: passado e futuro no pensamento sociológico brasileiro**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.